

Do silêncio à implicação

From silence to commitment

Del silencio al compromiso a la participación

Marcia Rodrigues Lisboa^{1,a}

marcia.lisboa@iciict.fiocruz.br | <https://orcid.org/0000-0002-2059-370X>

¹Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^aDoutorado em Informação e Comunicação em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz.

Palavras-chave: Comunicação e saúde; Saúde mental; Suicídio; Risco; Tecnologias de informação e comunicação.

Keywords: Communication and health; Mental health; Suicide; Risk; Information and communication technologies.

Palabras clave: Comunicación y salud; Salud mental; Suicidio; Riesgo; Tecnologías de información y comunicación.

A edição da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (Reciis) neste mês dedicado à campanha brasileira pela prevenção ao suicídio, o Setembro Amarelo, convida-nos a refletir sobre o tema, a partir da análise de Mariana Bteshe, na seção Notas de conjuntura. Com foco na perspectiva do cuidado em saúde mental, a autora discute aspectos fundamentais para a compreensão dos processos comunicacionais, psíquicos e sociais que envolvem o fenômeno. O estudo ressalta a complexidade e a multicausalidade do problema, cujo enfrentamento não se pode limitar a ações que promovam a visibilidade da temática.

O veto à divulgação de notícias sobre suicídio compunha uma das normas tácitas compartilhadas por jornalistas nas redações de grandes empresas de comunicação no Brasil, ainda no final do século passado, mesmo que não houvesse orientação editorial explícita nesse sentido. Nem sequer os manuais de redação, como os dos jornais Folha de S. Paulo¹ e O Estado de S. Paulo², em suas edições de 2001 e 1997, respectivamente, indicavam a omissão de informações sobre essa causa de morte. Ao contrário, ambos autorizavam suas equipes à publicação de notícias de suicídios.

O silenciamento desse grave problema de saúde pública foi sendo gradativamente substituído, sobretudo a partir da virada do milênio, por uma postura de exposição, tanto nas mídias jornalísticas tradicionais

quanto em canais não jornalísticos, ocupados por indivíduos, grupos sociais ou organizações, seja com o propósito de divulgar informações, oferecer ajuda ou até mesmo de encorajar a prática do suicídio.

Se o silêncio sobre o tema não contribui para a proteção de quem, em algum momento, foi instado a provocar a própria morte, tampouco a atenção e o cuidado que deveriam ser dedicados a essas pessoas estarão garantidos com a divulgação sistemática de dados estatísticos sobre o suicídio, incluindo aqueles relativos a recortes populacionais por região geográfica, faixa etária, sexo, nível educacional e motivações para o ato. Não se reduz o número de suicídios e tentativas apenas pela via da racionalidade, ativada fortemente nos processos de construção e difusão de argumentos que enquadram os indivíduos na categoria grupo de risco.

Inseridas na lógica preventivista, as classificações de risco estão atreladas à ideia de responsabilização individual pelo cuidado de si, trazendo à tona uma carga de julgamento moral. O conceito de responsabilidade, ancorado na definição de livre arbítrio, é um dos pilares da noção contemporânea de risco. No segundo pilar está a ideia de vulnerabilidade, que se baseia em horizontes normativos tecnicistas³. O alargamento desta última concepção promoveu uma expressiva mudança no próprio conceito de doença, calcado no imperativo do cuidado crônico de si⁴.

Observar esse fenômeno impõe-nos um olhar atento sobre os sofrimentos profundos vivenciados por quem procurou alívio nesse gesto extremo e também por seus familiares e amigos. Conforme analisa Bteshe, o acolhimento e a escuta de cada história são essenciais nas ações de prevenção ao suicídio, mas igualmente necessária é a implicação da comunidade, no sentido de sua inclusão e participação.

Pela implicação somos colocados diante do outro em uma situação enunciativa que extrapola os limites da racionalidade. Sobressai-se assim a dimensão do sensível, percebido como lugar singular do afeto, para além das representações e das atribuições de predicados aos sujeitos⁵.

Esta edição da Reciis conta ainda com seis artigos originais, um ensaio e um relato de experiência. Quatro dos artigos originais têm em comum abordagens produzidas a partir das práticas de saúde que envolvem o uso de tecnologias de informação e comunicação. O primeiro, “Processo de implantação do e-SUS Atenção Básica em Sobral – CE”, de Marcos Aguiar Ribeiro *et al.*, buscou analisar as contribuições e os desafios do e-SUS no programa Estratégia Saúde da Família, na Atenção Básica do município de Sobral (CE), com base em uma pesquisa exploratória qualitativa. O trabalho é fundamentado na estratégia do discurso do sujeito coletivo.

O segundo artigo, “Análise da população atendida por meio de tele-eletrocardiograma em serviço móvel de urgência”, de Ana Lúcia Athayde Maciel, Maria Cláudia Irigoyen e Silvia Goldmeier, apresenta um estudo transversal retrospectivo que analisou 1338 laudos de eletrocardiogramas feitos a distância no Hospital do Coração, em São Paulo, de pessoas socorridas pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) em Porto Alegre.

No terceiro artigo, “Inovação em serviços de saúde a partir do Teste Myers-Briggs Type Indicator (MBTI®) associado à análise de redes sociais (ARS)”, os autores – Iêda Lenzi Durão, Marcelo Jasmim Meiriño e Mirian Picinini Méxas – propuseram-se a identificar tipos psicológicos de profissionais que trabalham na área da saúde com potencial para inovação e o seu posicionamento em plataformas de redes sociais organizacionais.

Submetido à Reciis em língua inglesaⁱ, o quarto artigo “Better food choices among users of the Digital Food Guide: a report from Brazil”, de Simone Caivano e Semíramis Martins Álvares Domene, avalia o resultado do uso do aplicativo para *smartphones* Guia Alimentar Digital, cujo objetivo é promover escolhas alimentares saudáveis entre seus usuários.

i Em 2018, a Reciis passou a ser multilíngue: são aceitas submissões de textos em português, inglês ou espanhol.

Outros dois artigos originais são: “O papel da mídia na construção da agenda governamental para o SUS no Rio de Janeiro”, de Débora Castanheira, Clara Faulhaber e Sílvia Gerschman, que se dedica à análise do impacto de notícias publicadas em três jornais de grande circulação no Rio de Janeiro na formulação da agenda governamental de saúde naquele estado; e “Estado nutricional de crianças em creches de Carapicuíba – SP”, de Nailton Isbaltar Alves *et al.*, um estudo comparativo entre o estado nutricional de crianças que frequentam três creches no município de Carapicuíba (SP) com o estado nutricional de seus pais, a partir de dados referentes ao consumo alimentar, à classe econômica e à escolaridade.

Na seção Ensaio, a Reciis traz a contribuição de Patrícia de Almeida, intitulada “A (in)formação científica e humanizada dos profissionais da área de saúde: a literatura nas humanidades médicas”, que nos brinda com uma reflexão sobre o diálogo entre literatura e ciência.

Encerrando esta edição, a seção Relato de experiência publica o texto “Produção de vídeos educativos sobre saúde a partir da interlocução entre estudantes e pesquisadores”, de Sílvio Bento, Celina Maria Modena e Stephanie dos Santos Cabral, no qual é apresentado um projeto em desenvolvimento que propõe o envolvimento de alunos de três escolas públicas estaduais em Belo Horizonte na construção de questões relacionadas à saúde.

Desejamos uma boa leitura!

Referências

1. Manual da redação: Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha; 2001.
2. Martins Filho EL. Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo. 3 ed. rev. ampl. São Paulo: O Estado de S. Paulo; 1997.
3. Ayres JRCM. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2001;6(1):63-72. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232001000100005>.
4. Vaz P, Pombo M, Fantinato M, Peclly G. O fator de risco na mídia. Interface (Botucatu) [Internet]. 2007;11(21):145-63. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832007000100013>.
5. Sodré M. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes; 2006.